

O Grupo Egípcio de Bror Chail: Aliá Ilegal

○ MOVIMENTO egípcio, o *Hechalutz Iachid* (Pioneiro Unido) formou-se em 1944, em Cairo e Alexandria. Sua composição qualitativa era bastante boa. A maioria eram elementos de classe média e origem européia.

A organização do movimento, se tomarmos como ponto de referência o brasileiro, era bem mais simples. Existiam camadas educativas, comemorava-se as festividades, havia uma *hachshará*. Mas a atividade das camadas mais velhas era organizada ao redor da *aliá*. Não todos faziam *hachshará*, e a faziam durante períodos não fixos, curtos na maioria das vezes. Seleção antes da *aliá*, havia pouca. O movimento não cristalizava grupos com caracterização própria, quer dentro do movimento, quer na *aliá*.

O *Hechalutz Iachid* era apertadário, dirigia-se para o *kibutzianismo* geral. Mais tarde, no país, formaram-se em seus grupos fracções do *Mapai* e do *Mapam*,* que viriam a se cindir.

* *Mapai* e *Mapam*: — Junto com o *Achdut Haavodá*, os três partidos de esquerda em Israel que dominam, cada qual, um grande movimento kibutziano (cada um com entre 75 a 85 colônias). Antes de 1951 o *Achdut Haavodá* formava, junto com o partido *Hashomer Hatzair*, um partido comum, o *Mapam*. Por outro lado, porém, o *Achdut Haavodá* pertencia, junto com o *Mapai*, à uma Federação kibutziana comum, o *Kibutz Hameuchad*. Em 1951 abandonou *Mapai* esta federação e fundou uma própria, o *Ichud Hakvutzot Vehakibutzim*, à qual pertence nosso kibutz. Em 1955, cindiram-se os dois componentes do *Mapam*, cada um dos quais já possuía sua própria federação de kibutzim. Hoje em dia, *Mapam* designa apenas o movimento *Hashomer Hatzair*. Três partidos independentes, pois, cada qual apoiado por um movimento de kibutzim, cujos membros, aliás, têm papel fundamental na direção e orientação dos partidos.

Mapai é o partido maior, governamental, apoiado por quase 40% do eleitorado, e aparenta-se com os partidos social-democratas europeus. *Mapam* aproxima-se, no terreno teórico, do comunismo, e aparenta-se com os socialistas italianos de *Nenni*. Domina 9% do eleitorado. De igual força eleitoral,

A maior parte da *aliá* do movimento egípcio era realizada ilegalmente (*aliá beit*). O primeiro grupo veio em 1945, e possuía 40 *chaverim*. O segundo, em 1946, com 60 *chaverim*. Foram destes dois grupos que saíram os *chaverim* básicos de futura comunidade. Acompanhemos a narração de *aliá* do grupo de 1946, cujos 60 *chaverim* entraram ilegalmente no país.

DISFARÇADOS EM SOLDADOS BRITÂNICOS

— Como faziam *aliá* do Egito?

— De trem. Tomando o trem no Cairo, em dez horas estava-se já em território palestinese. O difícil era conseguir passar a fronteira. Usávamos os métodos mais diversos. Contar-lhe-ei como fez *aliá* o nosso grupo.

— Fizeram juntos, todos?

— Juntos, num trem só. Foi uma viagem célebre...

— Parece incrível, mas entrávamos disfarçados de soldados britânicos. Na prática, não era tão absurdo. Não se esqueça, havia destacamentos inteiros de judeus no 8º Exército Britânico, onde soldados, oficiais, administração, todos eram judeus. Fora disso, trabalhavam muitos judeus na administração militar em geral. Entre eles, como em todos os setores importantes, conseguira a Haganá* enfiar ou recrutar gente sua. A Haganá pedia, simplesmente, o número de cadernetas militares necessárias, e as recebia sem dificuldades. Fora

o Achdut Haavodá, situado entre Mapai e Mapam. Os três partidos encontram-se na Histadrut, a Confederação Geral dos Trabalhadores de Israel.

Fora isto, existe o partido socialista religioso, o Hapoel Hamizrachi, com 10% do eleitorado, e um pequeno mas bom movimento de kibutzim e moshavim (aldeias cooperativistas). O movimento mesmo dos moshavim, cerca de 250 aldeias, é dominado por Mapai.

A identificação feita entre partidos políticos e movimentos kibutzianos é formal, indica apenas maiorias. Em pelo menos duas das três Federações Kibutzianas, nas que Mapai e Achdut Haavodá possuem maioria, a liberdade crenças e afiliações, quer políticas, quer religiosas, quer culturais, é completa.

* Haganá — Organização militar de defesa, semi-secreta, que funcionava em Eretz Israel no tempo dos ingleses. A Palmach, mencionada páginas antes, era sua tropa de choque.

disso, é claro, houve muito honesto sargento-mor britânico que honestamente se vendeu. Uniformes também se conseguia, e daí para a viagem era já um passo.

— Mas quem preenchia, assinava, carimbava os documentos?

— Você subestima a Haganá. A organização, do primeiro ao último momento, funcionava como um relógio. Havia um departamento especializado que fazia falsificações tão perfeitas que mesmo um exame detido não revelaria nada.

— E como vocês foram preparados? Por exemplo, acho que nem todos conheciam inglês, não?

— Claro que não. Muita preparação também não era possível, pelo absoluto segredo em que era preciso fazer tudo. A primeira fase, era a “psicológica”: uma noite, cada um dos candidatos era convocado. Vinha ao lugar marcado, sozinho, desconhecidos o recebiam, embarcavam-no num automóvel fechado, levavam-no para bem longe, fora da cidade, um lugar ermo e abandonado. Um mastro, no alto a bandeira judaica, o candidato parado, os desconhecidos à sua frente. Obrigavam-no a prestar um soleníssimo juramento de segredo perante Deus e os homens. Ameaçavam-no de torturas e morte lenta e cruel, se escapasse uma vírgula apenas de sua boca. A noite, a solidão, a bandeira tremulando, os desconhecidos, era de ver nosso candidato, trêmulo de terror... Havia uns que batiam os dentes a viagem inteira de volta, e provavelmente, o resto da noite também, tanto o susto e o medo. Era a preparação psicológica...

— Finalmente, uma noite veio ordem de viagem. Fomos concentrados num segundo lugar, um depósito secreto; lá recebemos as cadernetas militares, e passou-se a noite inteira enfiando-nos na cabeça o novo nome, o nome do pai e da mãe, a idade, lugar de nascimento, lugares onde já estivéramos com o exército, isto dez, vinte, cem, mil vezes, até que chegávamos a recitar todos os detalhes como autômatos. Cada um recebeu um uniforme, aprendemos as continências, as palavras principais, as saudações, e toca a embarcar. Quanto à língua, a ordem era: “Dormir a viagem toda!” Fechar os olhos, fechar a boca, não perguntar, não responder, não se importar com o que acontecesse.

— Mas você disse que a partida se realizou no mais absoluto segredo. Como se arrumaram com os pais, os parentes?

— Ninguém soube de nada. Antes de embarcar, cada um escreveu

uma carta, e a entregamos a um companheiro que ficava; êle esperou dois dias, depois as pôs no correio, e assim os pais foram informados que seus filhos haviam resolvido embarcar para Eretz Israel. Que agitação isto causou, contaram-me depois! Imagine a situação, desaparecerem sessenta filhos, num dia só! Judeus corriam feito desesperados pela rua! O secretário geral do movimento, por sinal um tipo bem duro, passou maus bocados de hora.

— Onde está meu filho?

— Seu filho? O sr. tem um filho? Ah, sim, seu filho! Bem, que há com seu filho?

— Você sabe! Foram vocês que o meteram nisso! Acabo de receber uma carta dêle! Êle fugiu para Eretz Israel!

— Seu filho . . . fugiu? Não me diga! Deixe ver a carta . . . Vejam só, fugiu! Mas, que tenho eu de ver com isso?

No fim, tiveram que fechar por alguns dias a sede, por temor de algum ato de violência.

NO TREM DOS “ILEGAIS”

— Bem, mas continue, como foi a viagem?

— Então, estávamos já no trem, uniformizados e com documentos. No trem viajavam uns 2.000 soldados britânicos, que iam passar as férias em Eretz Israel. Dos 2.000, não só nossos 60 eram “ilegais”, mas havia, ao todo, uns 200 “emigrantes”! Os outros movimentos também estavam mandando no mesmo trem!

— Até a fronteira, correu tudo bem. Aí, aconteceu o imprevisto: um dos “soldados” esqueceu o nome . . . Foi uma história engraçada: Você terá ouvido falar do corpo de poloneses livres do General Anders, que lutaram ao lado dos ingleses, na África. Entre êles havia também judeus. Às tantas, resolveram desertar, e fugir para Eretz Israel, e foram escolher justo o nosso trem. Êles até que estavam viajando legalmente, como soldados realmente em férias. Mas como não pretendiam voltar, haviam levado as armas junto, escondidas. Mas as armas foram descobertas na fronteira, e a Polícia Militar percebeu as intenções dos poloneses; prenderam-nos, e decidiram passar uma revista no trem para ver se não se encontrariam outros.

— Você nunca viu os membros da Polícia Militar Britânica? Eram sujeitos imponentes, de dois metros de altura, largos bigodes,

vistosos uniformes, cheios de faixas, cordões, sinais, engraxados, polidos, armados, agressivos . . . Iam andando pelos vagões, olhando sinistramente para todos, procurando mais poloneses com armas. Nós estávamos sentados sôbre brasas. Pararam de costas para um dos nossos, um rapaz meio simplório. Repentinamente, viraram-se sobre êle, apontaram os dedos e berraram:

— Seu nome! Vamos, seu nome! Qual é sua unidade? Para onde vai? De onde vem?”

— O pobre rapaz levou tal susto que esqueceu tudo, o nome falso, o nome verdadeiro, para onde ia, o que queria, o que não queria . . . Levaram-no para baixo, para um interrogatório mais detido. O trem ficou parado, esperando. Sofremos naquelas horas por tôda nossa vida. Se êle dissesse uma palavra apenas . . . Enquanto isso, na estação de Rechovot, onde éramos esperados, espalhou-se a notícia que o trem fôra parado, que havia irregularidades, etc. As coisas, naquele tempo, corriam depressa pela coletividade. A Haganá pensou em ações, para libertar-nos. Afinal, éramos duzentos.

— E como terminou?

— Terminou bem. O rapaz ficou sentado no interrogatório duas horas, sem abrir a boca, fazendo-se de bôbo. Depois, êle lembrou qual era seu “nome” e os outros dados também. Os ingleses não tiveram alternativa senão concluir que o rapaz era algo fraco da bola, mas com os documentos em ordem. O trem, finalmente, andou.

DESEMBARQUE DE “ILEGAIS”

— Desembarcaram, então, em Rechovot?

— Sim; depois do incidente da fronteira, tudo funcionou perfeitamente. Quando chegámos, éramos já aguardados; levaram-nos para um lugar perto, havia roupa pronta, novos documentos de identificação com fotografias, tudo na mais absoluta ordem. Os uniformes desapareceram. E um grupo comum de judeus saiu à rua.

— Mas não havia mais perigo? Para onde foram?

— Ficamos esperando na estrada, em companhia de um guia da Haganá. Já naquele tempo os transportes rodoviários estavam inteiramente em mãos de cooperativas judias. Nosso guia parou um ônibus ao acaso, o primeiro que passou, e que se dirigia para Tel Aviv. Ví como trocou um olhar de inteligência com o chofeur. Mais

tarde, soubemos que quase todos os chofeures tinham ligações com a Haganá. O olhar de inteligência fôra para saber se viajavam “indesejáveis”, algum inglês ou árabe. Parece que não viajava nenhum. O guia da Haganá subiu no ônibus e anunciou aos viajantes:

“— Todos os passageiros que desçam! Há “*maapilim*” (ilegais) que precisam embarcar”.

— Não se ouviu um murmúrio sequer de protesto, nenhum dos passageiros esperou um segundo a mais que o necessário. Naqueles tempos, cada judeu a mais que se conseguia enfiar no país era uma vitória. Num minuto, em pleno dia, os 40 passageiros estavam fora, e nós, dentro. O ônibus trocou seu itinerário, de Tel Aviv para o norte do país, para Degânia, nosso lugar de destino. Chegamos à Degânia nas vésperas de Pessach de 1946, por isso o grupo chamou-se “*Garin Cheirut*”, o Grupo da Liberdade, porque, como outrora na mesma data, saíramos do Egito para a Terra Prometida.